

Informativo Cataguazense

BOLETIM Nº - 69

ANO -7

MARÇO/2008

ANIVERSARIANTES DO MÊS DE MARÇO

Dia	Nome do aniversariante	Grau de Dependência	Nome do Obreiro responsável
1	Fernanda Ramalho Procópio	Filha	José Fernandes Procópio
3	Nelson Augusto Souza Neto	Filho	Paulo Roberto Souza
5	Júlia Moreira Salvaro	Esposa	Pedro de Oliveira Salvaro
6	Felipe de Moraes Ramalho	Filho	Marcelo dos Reis Ramalho
7	Isaack Corrêa Machado	Filho	Otonio Machado Queiroz
12	Paulo Rubens Franzoni	IRMÃO	Membro Honorário
14	Pricila Albano Venâncio	Filha	Sebastião Geraldo Venâncio
15	Julaine Machado Rodrigues Moreira	Esposa	Marcelo Vieira Moreira
16	Juliana de Abreu Pinheiro Machado	Esposa	Alceu Pinheiro Machado
17	Marcele Lima de Almeida	Filha	Sérgio Santos de Almeida
19	Murilo Ramalho Procópio	Filho	José Fernandes Procópio
22	Telma Oliveira da Silva	Filha	Joaquim Cândido da Silva
22	Wanderley Quirino da Silva Júnior	IRMÃO	
24	Jane Lúcia Rodrigues	Filha	Paulo Lúcio Rodrigues
25	Theresiana de Souza Pereira da Cunha	Esposa	Cleófas da Cunha
25	Waldir Ferreira Viana	IRMÃO	
28	José Carlos Mendes	IRMÃO	
30	Guilherme Portilho de Araújo Carrara	Filho	Carlos Alberto Carrara de Araújo
30	Flávio Portilho de Araújo Carrara	Filho	Carlos Alberto Carrara de Araújo
31	Salete Maria de Araújo Franzoni	Esposa	Paulo Rubens Franzoni

DIA	SESSÃO	GRAU	DESCRIÇÃO	TRAJE
07	ECONÔMICA	2º Companheiro	Instrução	BALANDRAU
14	MAGNA	1º Aprendiz	Regularização	TERNO
17	ESPECIAL	3º Mestre	Eleição Grão-Mestre	BALANDRAU
20	FILOSÓFICA	18º Grande Inspetor	Ceia Mística	BALANDRAU
28	ECONÔMICA	2º Companheiro	Instrução	BALANDRAU

Postura Maçônica Exemplar

A mai vossos inimigos. Fazei o bem àqueles que nos odeiam: bendizei aos que

vos maldizem: rogai pelos que vos maltratam” (Lucas, 6.27)

Para que nossos Irmãos nos reconheçam como maçons, devemos

oferecer-lhes as atitudes próprias de uma vida digna como palavra-chave. Devemos lembrar-nos que uma vida digna será capaz de levantar templos à virtude, e que só venceremos nossas paixões e submeteremos nossa vontade quando soubermos como respeitar e amar a cada ser humano.

A Maçonaria nunca foi tolerada pelos que se julgam “donos da verdade” e que pretendem manter o império de sua vontade e de seus interesses sobre o direito de pensar das pessoas. O maçom é aquele que está procurando sua verdade pessoal, dentro daquilo que já preconizava nosso irmão Gohthe, o consagrado poeta clássico alemão: “Há particularidades absolutamente individuais na verdade”.

Muitos são os ataques injustos, torpes, caluniosos que a Maçonaria tem recebido em todos os tempos. E por que a Maçonaria incomoda tanto? Só porque ela leva seus adeptos à sinceridade do pensamento e à busca da verdade? E por quê a Maçonaria não responde a tais ataques? Ora agressões impiedosas, falsas, violentas e injustas só poderiam ser respondidas se deixássemos de trabalhar na faixa do verdadeiro amor que nos aproxima do Grande Arquiteto do Universo, englobando tudo o que Ele criou, inclusive os que nos agridem impiedosamente.

Conta-se que havia um monge que acompanhava Sidharta Gautama, terrivelmente mal-humorado. Ele vivia sempre reclamando e dirigindo impróprios ao seu mestre. Dentro de sua constante paciência, Buda interpelou-o um dia: “Se alguém lhe der um presente e você não aceitar, quem ficará com ele”? O monge rabugento respondeu: “O presente continuará com quem o trouxe”. E Buda arrematou: “As ofensas que você me dirige, eu não as aceito”. Da mesma forma a Maçonaria rejeita naturalmente o que lhe for endereçada

e não contiver as vibrações próprias do amor, da tolerância, da busca diuturna do aperfeiçoamento.

Sabemos que os que pensam incomodam realmente àquele que nos querem dominar. Mas pensar é um direito inalienável de cada um. A obrigação dos que já aprenderam a pensar é praticar a maiêutica de Sócrates, procurando levar cada um a eduzir de si potencialidade que jazem adormecidas. Pensar é um exercício que ajuda o homem a melhorar. Não foi por acaso que o Criador nos dotou desta faculdade. O grande filósofo holandês Bencidius de Spinoza assegura-nos que “o juízo interior permanece livre. É um direito do qual o homem não poderia abrir mão, mesmo que o desejasse”.

Sentimo-nos como uma grande corrente espiritual e moral do Terceiro Milênio, com a responsabilidade de procurar fazer feliz a humanidade. Para tanto, temos que nos preocupar com programas eficientes de saúde, de educação, de moradia, de demografia. Temos que fazer parte da luta pela existência continuada da justiça, da liberdade, da igualdade e da fraternidade.

O maçom deve representar um exemplo de vida a ser lembrado pelos pósteros. Alguém que inspire o carinho e o respeito das pessoas. E, quando ouvimos alguém bendizer o pai-maçom, isso soa aos nossos ouvidos como uma doce melodia, pois o filho viveu mais intimamente as ações do pai, como no exemplo que daremos a seguir.

No dia 17 de agosto de 1995, falando no Congresso Nacional, nossa sobrinha Laura Carneiro, filha de nosso saudoso Irmão Nelson Carneiro, discursou sobre o Dia do Maçom, comemorado sempre no dia 20 daquele mês, afirmando emocionada: “Feliz a sociedade que pode contar com o convívio dos maçons, e felicíssima a famí-

lia com um maçom à sua frente. Particularmente, tive esta dupla felicidade de ter nascido num país de marcante presença maçônica e de um lar maçom”.

Continuou Laura Carneiro: “Ao ensinar-me, no recôndito do lar, os princípios morais básicos da vida cristã, ou ao lutar pela dignidade humana, pela liberdade de pensamento, pela defesa dos direitos humanos, pela igualdade e contra a discriminação de qualquer tipo, estava aquele maçom pondo em prática os preceitos que aprendera nas Lojas. Nelson Carneiro

galgou o Grau 33 da Maçonaria pela humildade e pela paciência no aprendizado das excelsas verdades, da tolerância que elas exigem para com todos os semelhantes, de sua plena aceitação e, sobretudo, do exemplo que demonstrou na família, na comunidade iniciada e na vida profana”.

A maçonaria propõe-se a lutar por fazer feliz a humanidade, entendendo que somos parte desta mesma humanidade. Vitoriosos em nossos desideratos, teremos, também, o direito de sermos felizes.

Antônio José dos Santos
Grão-Mestre da GLMMG



Liberdade

Ir.: Ítalo Aslan
Cabo Frio - RJ

Revisa A Trolha – Janeiro/2008

O que é liberdade? O que é ser livre? Cada um pode entendê-la e, conseqüentemente, realçá-la de um modo próprio, particular. Mas todos evidentemente, estarão rondando o âmago do seu significado, haja vista ser a liberdade a pérola avidamente procurada, e com muito custo encontrada, dentro da concha hermética de nossa personalidade.

Para uns significa, pura e simplesmente, o que toda e qualquer constituição de todo e qualquer país democrático assegura aos seus cidadãos: o direito de ir e vir, direito e conquista intransferíveis e assegurados pelo Estado, desde que, é óbvio, sejam respeitadas as cláusulas que determinam os limites da boa convivência Civilizada.

Este aspecto da Liberdade é importante, como os demais, e faz parte de uma arquitetura onde existem

vários patamares: a Liberdade de se locomover para e de onde quiser; a Liberdade política, quando se escolhe os representantes que levam a sua voz e os seus anseios àqueles que têm o poder de governar e legislar; a Liberdade de consciência religiosa com a qual se tem o direito de professar os credos e ver assegurada a sua prática; a Liberdade de se poder trabalhar e escolher a profissão que mais lhe aprouver e a que mais se coaduna com a sua vontade e as suas aptidões, desde que voltadas para o progresso e a felicidade do ser humano; e, finalmente, a última, mas não a menos importante, sem excluir as possibilidades de muitas outras, a Liberdade de pensar e também de expor o que pensar, defendendo pontos de vistas.

Uma condição que está embutida na aceitação de um Profano na Ma-

çonaria é, como todos sabemos, que ele seja *“livre e de bons costumes”*.

— Como livre? — o Ven.: M.: interpela o 2º Vig.:, quando da instrução ao novo Aprendiz, lembrando as viagens praticadas — Admitis, porventura, que um homem possa viver na escravidão?

— Não, Ven.: M.: — responde o 2º Vig.:, todo homem é livre; pode, porém estar sujeito a entraves sociais que o privem, temporariamente, de parte de sua Liberdade e, o que é pior, o torne escravo de suas próprias paixões e preconceitos.

Eis aí Escravo de suas próprias paixões e preconceitos, verdadeiras masmorras sombrias, clausuras tristes e tenebrosas que embrutecem, que entorpecem o desgraçado e o aniquilam em sua inércia moral.

O Maçom, cômico de sua potencialidade, luta por essa libertação, num combate diuturno contra a ignorância, a superstição, o fanatismo, as paixões e os vícios, verdadeiros algos da consciência.

Não cremos que Sócrates, na iminência de solver o fatal veneno, fosse um prisioneiro comum. Seus discípulos choravam e ele os consolava. Estava livre e liberto morreu.

Jesus Cristo, condenado, deixou-se matar. Preso aos madeiros, mas era livre, tão livre que não quis se salvar, como o fizera a tantos outros que cruzaram por seu caminho: *“Pai, seja feita a Tua vontade e não a minha”*.

Krishnamurti, após dissolver a Ordem da estrela do Oriente, em 1929, o fez para evitar a criação de novas seitas. Queria que cada um seguisse seus próprios passos, sem chefes, sem gurus, sem guias espirituais. *“Sabia eu é muito mais fácil seguir cegamente do que compreender e tornar-se assim verdadeiramente livre”*.

...

O homem tem, portanto, a característica a ele inerente de ser o senhor e responsável pelos seus próprios atos. Não poucos filósofos se incomodaram com essa questão singular e diversos conceitos e opiniões, conflitantes em sua maioria, foram elaborados acerca do tema.

O determinismo físico (a sujeição às leis da natureza) e o determinismo teológico (a submissão à vontade de Deus) complicaram a elaboração do conceito de Liberdade sob a ótica da filosofia. Seria ela, a Liberdade, função da razão, da vontade, ou de ambas? Sem contar com os diversos condicionamentos aos quais o homem está sujeito, como os políticos, os econômicos, os sócio-culturais, os psicológicos, etc.

Finalizando, oferecemos versos salteados do texto de Juan Arias sobre a Liberdade:

Sou livre quando aceito e defendo a Liberdade dos outros;

Sou livre quando aceito que o mais importante é a minha consciência;

Sou livre quando estou consciente que nem tudo me convém;

Sou livre quando, acorrentado, continuo a gritar o direito à minha Liberdade;

Sou livre quando reconheço as minhas limitações;

Sou livre se tenho a capacidade de me transformar...

EXPEDIENTE

Venerável e Diretor Geral
Carlos Alberto Carrara de Araújo
Afonso de Sousa Rocha
Redator Geral

Órgão Informativo da
Loja Maçônica Cataguazense
Praça Rui Barbosa – 222/3º = Centro
CATAGUASES – MG
CEP 36770-034 = Fone 0xx32-3421-1424
cataguazense@cataguazense.com.br

